

A construção da estátua “o Desbravador”: materialidade ideológica

*Anderson José Guisolphi**

Resumo

Analisa-se na presente pesquisa a estátua antropomorfa em bronze denominada “O Desbravador”, com 14m de altura e 5,70m de largura, em Chapecó-SC, apresentando para ela uma nova interpretação. Embora a estátua O Desbravador não represente a figura de uma pessoa específica, ela está permeada do imaginário do Lions Clube, grupo social que a idealizou, visando a incutir nos cidadãos de Chapecó uma visão particular do processo de colonização da área, do qual foram claramente apagados os segmentos por ele considerados como pouco virtuosos, ainda que ao preço da distorção da sua história. A metodologia aqui empregada para a análise da estátua O Desbravador e seu contexto é perpassada pela concepção de que a arqueologia histórica é, de fato, a arqueologia do capitalismo, apontando de que forma, no século XX, as nações centrais lançaram no mundo periférico as sementes do processo de globalização neoliberal. Não no sentido de legitimar o fenômeno da globalização, apresentado como inevitável, irreversível. Mas questionando o uso do passado, explanado no âmbito dos sistemas mundiais, para justificar e consolidar a hegemonia norte-americana sobre o mundo.

Palavras-chave: Cultura material. Arqueologia histórica. Estátua. Desbravador. Urbanização.

Cultura material e contexto histórico

A estrutura do espaço organizado não é uma estrutura à parte, com leis autônomas de construção e transformação, tampouco é uma expressão da estrutura de classes que emerge das relações sociais de produção. Ela representa, ao contrário, um componente dialeticamente definido das relações de produção gerais, relações estas simultaneamente sociais e espaciais (SOJA, 1993).

O clima que se instalou nas mentalidades das classes hegemônicas (comerciantes e administradores públicos) de Chapecó em fins da década de 70 e início dos anos 80 do século XX, foi o da modernização, do progresso a olhos vistos, não só do crescimento urbano, mas também econômico, pois, além da instalação das agroindústrias, visivelmente ampliou-se o comércio local e as atividades de prestação de serviços. Grande parte do “progresso” era atribuída ao imigrante “gaúcho”, visto como “homem trabalhador”, católico, “progressista”. Portanto, os sujeitos étnicos responsáveis por tamanho “milagre” mereceriam ser homenageados.

E não foi só em estrutura física e número de habitantes que Chapecó cresceu, as diferenças de classes sociais também se tornaram visíveis. Nas áreas urbanas marginais ao centro da cidade, cresceram o número de favelas e os problemas decorrentes delas. Quanto ao centro, estava reservado à habitação dos que detinham em suas mãos os meios de produção, como os diretores das agroindústrias, proprietários de casas de comércio e funcionários públicos.

A emergente elite local pensou e concretizou os aspectos políticos, esportivos, culturais e religiosos da cidade. Para Haas (1999, p. 49),

Além de ocupar os postos estratégicos da estrutura social, monopolizando a direção dos órgãos públicos estaduais, federais e municipais, das entidades de assistência social e das associações de classe, através dos quais decidia os assuntos

importantes da comunidade, a elite promovia bailes, festas sociais, religiosas e cívicas. Os seus nomes também estavam sempre em evidência no jornal e na rádio, que na realidade pertenciam a eles, bem como nas conversas dos bares e esquinas.

As necessidades básicas e dificuldades decorrentes do processo de colonização, sentidas por todos os colonos na década de 1930, já não eram mais generalizadas na década de 1970. Com a acumulação do excedente de produção por parte da elite, havia recursos disponíveis para melhorar as condições de vida da classe, que investiu visivelmente no lazer. A vida social ampliou suas opções com o Grêmio Social Esportivo Chapecoense, Sociedade 10 de Ouro, Esporte Clube Chapecó, Café Bar, Cine Tomazzelli, bailes, almoços e jantares. As senhoras da sociedade promoviam chás de caridade, servidos em suas finas louças, organizados no Grêmio Feminino Rosas do Sul (HAAS, 1990, p. 50).

Estas intensas e visíveis transformações sociais foram extensões do que ocorria no país na década de 1970. O regime militar era apoiado por parte da sociedade brasileira influenciada pelos meios de comunicação de massa, que procuravam apresentar o presidente Médici como um “homem do povo”, “humilde” e “apaixonado por futebol”. Até mesmo o sucesso da seleção brasileira foi apresentado como uma conquista do governo Médici (BOULOS, 2003, p. 343). Nos dois últimos governos militares, Geisel e Figueiredo, notam-se uma ligeira mudança na orientação política. A opressão política e a censura dos meios de comunicação imposta pelos primeiros generais presidentes perderam gradativamente seu vigor. No governo do Presidente Geisel ocorreu uma lenta e gradual abertura política, gerando a organização da sociedade civil, ganhando importância o novo sindicalismo surgido nessa época.

Em Chapecó, a década de 1970 acompanhou as transformações nacionais. O catolicismo também estava em processo de transformação. O Concílio Vaticano II, encerrado em 1965, e a

Conferência Latino-Americana de Medellín, em 1968, estimularam iniciativas de sacerdotes e agentes pastorais, no seio de uma teologia exclusivamente latino-americana.

Em 1969, ocorre a substituição do Bispo da Diocese, e Dom Wilson Laus Schmith passa o cargo para Dom José Gomes, este último muito mais adepto de temas como fé e política, fé e libertação, à luz da opção preferencial de Jesus Cristo pelos pobres. A Igreja Católica atuou diretamente na década de 1970 na formação de lideranças de movimentos sociais; no entanto, a elite local reagiu violentamente à nova opção ideológica da Igreja diocesana, com passeatas, debates no rádio e colunas nos jornais locais, contrapondo o ponto de vista de Dom José Gomes.

No entanto, nem todos os católicos aderiram à nova tendência da Igreja. A maioria dos descendentes de italianos migrada do Rio Grande do Sul para Chapecó trazia consigo um outro catolicismo. A religiosidade desses italianos era caracterizada pela devoção a Santo Antônio, padroeiro da paróquia, às missas dominicais, à preocupação com a salvação da alma, e o não-envolvimento nas questões políticas e sociais. Para eles, a função do padre era ser o cura das almas e não o líder político. Dessa forma, passaram a organizar vários movimentos de resistência ao novo catolicismo diocesano.

Dom José, à frente da Diocese e tendo presente as novas concepções de evangelização, foi alvo de ataque de inúmeros conflitos da elite emergente, que, saudosa do catolicismo apolítico, não aceitava os discursos do Bispo em favor dos excluídos. Segundo Tedesco (2000, p.110), Dom José deu “outra” interpretação à peste suína africana e se tornou um inimigo para os diretores de agroindústrias e grandes criadores de suínos. Inclusive espalhou-se um boato de que teria sido dada ordem de prisão a Dom José, só não executada por medo da reação do povo. Além disso, o bispo se pronunciou nos meios de comunicação, em favor dos sem-terras.

Paralelamente às transformações da Igreja, que assumia sua opção preferencial pelos pobres, na década de 1970, a elite emer-

gente organizou em Chapecó, vários clubes de serviços. Na revista “Informativo Oeste – 1977” há relatórios de atividades do “Rotary” local (p.14), da convenção do “Lions Clube” (p. 20-21), convenção de clubes “4-S” (p.39) e a coluna de Dom José Gomes (p.25), fazendo uma análise de conjuntura acerca das questões indígenas no Brasil.

Enquanto a Igreja Católica Diocesana reconstruía suas bases ideológicas a partir dos movimentos sociais, a emergente elite local também lançava tentativas de solidificar suas concepções. Partindo da constatação desse dualismo político e ideológico, podemos levantar a questão se há uma relação entre os embates discursivos e a construção da estátua “O Desbravador”, já que a mesma foi idealizada pelo Lions Clube, entidade que congregava membros da elite.

O “Informativo Oeste” afirma acerca da convenção em 1977:

[...] os leões oestinos puderam demonstrar a predestinação histórica dessa região do Estado de Santa Catarina, preservada no tempo e no espaço físico territorial como que para dar ao Brasil e ao mundo o maior exemplo de integração social e econômica, uma vez que sua colonização, a partir do zero absoluto e de tempo relativamente recente, exhibe, hoje, ao lado de uma miscigenação evoluindo para eclética, uma formação patrimonial eminentemente segura e sólida, porque repousa em bases patriarcais e uma fonte produtora agropecuária muito eficiente...i

Podemos levantar vários questionamentos a partir deste recorte. O autor da coluna sugere que somente a partir da chegada do colonizador gaúcho é que foi possível construir uma história, pois afirma que se partiu do “zero absoluto”. Portanto, para ele, a presença dos indígenas que já ocupavam o oeste de Santa Catarina desde tempos imemoriais é irrelevante e não constitui uma construção histórica, negando-lhes a possibilidade de serem reconhecidos como sujeitos na história regional. Tampouco os caboclos que ocupavam a terra a seu modo puderam ser reconhecidos como agentes históricos.

Embora o autor reconheça a existência de diferentes etnias, predomina na sua fala uma visão preconceituosa acerca deste plural étnico, ao afirmar que há “[...] uma miscigenação evoluindo para eclética”, sugerindo que, para ocorrer a integração social, seria necessária uma completa miscigenação e, posteriormente, o desaparecimento de outros traços culturais além daqueles trazidos do Rio Grande do Sul.

No oeste catarinense, o colonizador gaúcho, em razão de seu predomínio político-econômico, impôs aos indígenas e caboclos os padrões culturais que trouxe consigo. Desprezou ao máximo os legados culturais indígenas e caboclos, considerando-os como contribuições de grupos inferiores, vendo de forma positiva o desaparecimento dos seus traços culturais. Contudo, muitos dos seus elementos culturais se perpetuaram através de nomes de lugares, de ruas, de pessoas, palavras de uso cotidiano, porque se incorporaram ao cotidiano chapecoense sem o consentimento da classe dominante.

Enfatizar o legado cultural dos imigrantes gaúchos descendentes de italianos e alemães na formação social de Chapecó não significa dizer que nada sobrou das outras etnias. Entretanto, o legado do índio e do caboclo foi limitado e, além do mais, adulterado pelo fato de ser preciso enquadrá-lo num contexto social em que o colonizador eurodescendente ditava normas e impunha seus valores.

Torna-se relevante, também, discutir o conceito de patrimônio expresso no discurso do leonino. O texto do Informativo Oeste afirma que a formação patrimonial segura e sólida se dá sobre a produção agropecuária, em bases patriarcais, novamente reafirma-se o preconceito étnico. É o mesmo que afirmar que os indígenas e caboclos, que dispunham de uma produção agropecuária apenas para a subsistência e não para gerar excedente, não contribuíram para a construção desse patrimônio. E nesta frase fica também evidente o preconceito de gênero, pois, para ele, a formação patrimonial segura e sólida só poderia ocor-

rer em bases patriarcais, julgando-se os homens portadores de essência superior com relação à mulher e aos filhos, reproduzindo o modelo do patriarcalismo do período colonial brasileiro, no qual os homens tinham uma percepção depreciativa a respeito das mulheres (RENK, 2000, p.21).

Nesse cenário, pode-se afirmar que o Lions Clube almejava materializar, com a construção da estátua “O Desbravador”, a sua ideologia. A revista “Informativo Oeste” foi um dos meios utilizados para divulgá-la. A construção de um monumento seria uma estratégia que daria maior visibilidade e consolidaria a visão leonina da história do oeste catarinense.



Figura 1: Desenho em papel canção, assinado pelo artista Paulo de Siqueira, possivelmente O Desbravador. Acervo: Fundação Cultural de Chapecó

Segundo Rede (1996, p.273), a cultura material é, por excelência, matriz e mediadora de relações, portanto, a construção de um monumento seria uma forma de reafirmar as suas representações acerca da história da ocupação do oeste de Santa Catarina. As intencionalidades do Lions Clube com a construção da estátua “O Desbravador” podem ser evidenciadas em documentos como a

proposição do Lions Clube Chapecó, encaminhada ao Prefeito Municipal, enumerando as razões da construção do referido monumento.

a) Considerando que um monumento em praça Pública se destaca como marco da Cultura de um povo. b) Considerando que através de um monumento em Praça Pública poderíamos homenagear Cidadãos de destaque ligando o passado ao presente, projetando para o futuro a história de um povo.i

Evidentemente, trata-se de uma concepção daquela história que projeta os destinos da sociedade, decididos por poucos homens, em que os acontecimentos cotidianos são apagados, em que a participação da população é, no máximo, pano de fundo, resultando na construção da ideia de que a história são os outros.

Tendo como objetivo principal promover a colocação na Praça Pública Coronel Bertaso de nossa cidade, ou num canteiro ajardinado da Avenida Getúlio Vargas, um monumento ao estilo “O Desbravador” tendo como finalidade homenagear através deste monumento todos os nossos antepassados e ‘DESBRAVADORES’ que com seu trabalho, sua coragem e persistencia fizeram nascer e desenvolver [sic], nossa Cidade e a região Oeste de Santa Catarina.

Novamente se torna visível a predileção por parte do Lions Clube, por uma história oficial que enalteça as classes dominantes, através da figura mítica do desbravador idealizado. Em contrapartida, as experiências cotidianas dos demais sujeitos históricos são ignoradas.

Se a história é, ao mesmo tempo, a ciência do passado e a ciência do presente (CARDOSO, 1984, p.12), cabe ao pesquisador contemporâneo a tentativa de dialogar com esse passado, que, embora pareça distante, ganha vida e sentido com as perguntas que fazemos, com as relações que estabelecemos, com a forma como escrevemos. Tudo isso com o intento de deixar vir à tona vozes esquecidas e marginalizadas pela história oficial, mas que nem por isso deixam de inscrever suas marcas.

Através da problematização dessas marcas materializadas na estátua “O Desbravador” pode se propiciar a construção de histórias antes veladas e o questionamento do homem sobre a sua própria realidade. Segundo Chartier (1990, p.17) as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam, razão pela qual podemos tomar uma estátua como objeto de análise crítica, entendendo-a como representação da elite que a forjou. A história oficial trabalha para apagar o passado que considera indesejável, enquanto a perspectiva ora apresentada procura resgatá-lo problematizando esse passado com os olhos do presente e fornecendo subsídios para a compreensão das práticas e representações humanas na atualidade.

Com certeza a elite local representada pelo Lions Clube pretendeu, com a construção da estátua “O Desbravador”, sustentar sua visão da trajetória histórica local, como um elemento da sua própria sustentação.

Temos certeza de que este monumento adquiriria um significado todo especial. Seria visto e apreciado com muito carinho pelas famílias dos ‘DESBRAVADORES’ e decedentes [sic] destes que aqui ainda residem, sendo ainda, motivo de orgulho para a nossa juventude e um marco a mais a destacar e difundir nossa Cidade.

Neste sentido, reportamos a ideia de memória coletiva, conforme Halbwachs (1990, p.51), memória essa que teria a sua força e sua duração no conjunto de homens que possuem memória individual, mas atrelada a uma memória de grupo. Portanto, “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros meios”.

A memória coletiva não se apresenta como mero acaso, o imaginário social pode ser construído a partir da manipulação de várias estratégias. Rede (1996, p.21) pode nos auxiliar na compreensão da manipulação da cultura material como estratégia determinante na construção do imaginário social.

Distinção entre representação e representado, entre signo e significado, é pervertida pelas formas de teatralização da vida social. Todas elas têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação [...] que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe.

A figura do homem que “desbravou” o oeste catarinense, com sua indumentária tal como aparece na estátua: bombachas, lenço no pescoço, chapéu com barbicacho, barba longa, talvez não existisse no cotidiano da época da colonização. Podemos questionar se o desbravador estava de fato trajado como a estátua, em seu cotidiano à época, ou se colocava tal indumentária apenas em ocasiões especiais como a vinda ao vilarejo para tratar de negócios, a frequência à missa, ou em festas comunitárias. Podemos, ainda ir, além nos questionamentos: será que realmente os descendentes de italianos e alemães assumiam essa identidade “gaúcha” ou ela teria sido forjada posteriormente pela ação dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs)?

No entanto, não podemos esquecer que, durante o período getulista, especialmente durante o chamado “Estado Novo” (1937-45) as manifestações culturais europeias, como o uso da língua e até mesmo nomes próprios, especialmente italianos e alemães, foram duramente reprimidos pelo regime. Em 1942, o Brasil de Vargas declarou-se a favor de uma união das Américas contra o Eixo. Localmente, há indícios de que essa repressão era levada a sério. Getúlio Vargas havia se tornado figura cultuada miticamente por todo o país, inclusive em Chapecó, onde a avenida principal leva o seu nome. No início da avenida, em frente à antiga Prefeitura Municipal e à Praça Pública, foi erigido um monumento (busto, em bronze) a Getúlio. A estátua “O Desbravador” foi erigida a poucos metros dele. No entanto, comparando as dimensões das duas estátuas, conclui-se que, tanto o monumento ao “desbravador” quanto o busto de Getúlio Vargas, foram igualmente importantes para a construção do imaginário social, embora “O Desbravador” tenha 12 metros de altura, enquanto o busto de Getúlio se limita a

uma reprodução aproximada do tamanho natural. Ainda assim, são igualmente importantes, uma em tamanho natural e outra agigantada. Getúlio, incontestavelmente um personagem histórico, concreto, tinha sua dimensão social assegurada pela projeção que conseguiu dar à sua obra. Já não era este o caso de “O Desbravador”, um personagem artificialmente concebido e construído, que, se não fosse agigantado, jamais conseguiria se impor, pela evidente falta de sustentação ao que ele procura representar.

Após a mobilização do Lions Clube no sentido de sugerir ao poder executivo municipal a construção da estátua “O Desbravador”, o prefeito municipal Milton Sander decretou, em outubro de 1980, a execução da mesma. Conforme o decreto GP/197?80i, ele nomeou uma comissão especial para apresentar sugestões quanto ao local, custo e demais informações necessárias para a construção da estátua. Entre as pessoas escolhidas para compor tal comissão, estavam os senhores Hilton Rôvere, Secretário Municipal de Educação; Osny Tolentino de Souza Filho, Secretário Municipal de Obras e Planejamento; Elvino Bedin, Secretário Municipal do Meio Ambiente; e, Victorino B. Zolet, presidente do Lions Clube Chapecó e autor da proposição do monumento.

Tal decreto surpreende ainda pela seguinte informação: “§ 2º Cada membro da Comissão, fará jus a um ‘jeton’ de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros)”. Cabe aqui indagar se os três secretários municipais não estavam, ao integrarem a Comissão, no exercício absoluto da função para a qual já eram devidamente remunerados, o que permite levantar suspeições de favorecimento indevido. Dificilmente isso teria ocorrido se a reivindicação tivesse partido da Igreja Católica, à época ideologicamente adversa à posição política da Prefeitura Municipal, ou de um sindicato de trabalhadores.

Com esse incentivo monetário, a nomeada comissão não poderia deixar de apresentar resultados, conforme ata de reunião da comissãoⁱ,

1. O sr. Paulo de Siqueira deverá se responsabilizar pelo desenho e pela obra de arte do monumento. Fará um desenho exato 2. A estátua deverá ter 2 metros de cabeça à base, sendo o braço direito e a coroa de louros sobressairão estas dimensões. 3. A estátua será fundida em bronze 4. O pedestal será obra do arquiteto Osny de Souza Filho, devendo ter a altura mínima de 4 metros e ser redondo – em forma de tronco – ou triangular com formas suaves. 5. O local escolhido pela comissão foi o canteiro da Avenida Getúlio Vargas, quase em frente ao Hotel Coronel Bertaso. 6. Quanto aos custos, saindo a obra total por volta de Cr\$ 450,000,00.i

Esta ata foi datada e assinada pela comissão em 07 de novembro de 1980, levando a crer que havia pressa na execução da obra, que já estava com os encaminhamentos principais decididos. Também faz-se importante salientar que a obra, embora gestada ideologicamente pelo Lions Clube, foi executada pelo artista Paulo de Siqueira, com recursos da Prefeitura Municipal.

Segundo Khoury (1998, p.15),

Ao documento escrito incorporam-se outros de natureza diversa, tais como objetos, signos, paisagens, etc. a relação do historiador com o documento também se modifica. O documento já não fala por si mesmo, mas, necessita de perguntas adequadas. A intencionalidade já passa a ser alvo de preocupação por parte do historiador, num duplo sentido: intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento.

Nessa linha, a ata é uma narrativa unilateral. A ata enumera as deliberações da comissão, não é um ofício, pois trata de apenas registrar as decisões, não está remetida a ninguém. Trata-se de apenas uma página, datilografada, datada e assinada pela comissão, visando a oficializar ações e testemunhar pensamentos de pessoas concretas. As pessoas que compõem a comissão pertencem à classe dominante, inexistindo nela representantes de outros segmentos sociais.

Paulo de Siqueira não era membro do Lions. Teve origem e trajetória sem posses. Como nos informa Fin (1997), Paulo de

Siqueira foi filho de mãe solteira, nasceu em Soledade-RS. A mãe trabalhava como cozinheira no Instituto Educacional – IE em Passo Fundo-RS, onde ambos residiam. Ainda segundo Fin (1997), “A falta de conhecimento do pai pode ter sido o fator principal da sua faceta homossexual”. Artista plástico autodidata, veio pela primeira vez a Chapecó em 1969, a convite da família Bertaso, para realizar a decoração de casamento de Ivan Bertaso e Elaine Silvestre. Com a morte da mãe em 1972, passou a residir em Chapecó, a convite de Milton Sander, que era político influente na época.

Em Chapecó, trabalhou como decorador no Clube Recreativo Chapecoense, pintou painéis em diversos restaurantes e bares como o Hotel Bertaso, que dispõe de um considerável acervo de obras do artista e, também, no Restaurante Industrial.

No final da década de 1970 uniu-se a Agostinho Duarte e Antonio Chiarello, criando o grupo CHAP, organização de valorização da cultura local. No início da década de 1980 dedicou-se mais à escultura do que à pintura.

Em 1980 tornou-se membro do Conselho Municipal de Cultura, portanto, um artista com grande reconhecimento da elite local. Milton Sander, então prefeito municipal, era considerado por Paulo de Siqueira, seu padrinho artístico, devido ao apoio que o mesmo lhe deu. Como nos informa Fin (1997, p.16), as datas de confecção da maioria dos monumentos executados por Paulo de Siqueira coincidem com a administração de Milton Sander como Prefeito Municipal. Até mesmo logo após a sua morte, Milton Sander teria adquirido uma obra de arte para cobrir os gastos funerários.

Embora Paulo de Siqueira não tenha sido membro do Lions Club, convivia com a maioria dos membros leoninos. Afinal, os mecenas de suas obras eram pessoas de posses, como o Prefeito Milton Sander. Era conhecido da elite local, com a qual ora convivia pacificamente, especialmente quando convidado para jantares e demais eventos, ora revoltava-se contra ela, como no evento “Garota Verão-RBS”, concurso que ajudou a idealizar e, na noite do evento, não foi convidado. Alcoolizado, jantou no restaurante do

Hotel Bertaso, bebendo os melhores vinhos e, na hora de pagar a conta, passou a quebrar as taças, irado. A seguir, tentou retirar o acervo de obras de sua autoria, que estão pelos corredores do hotel, afirmando pertencerem a ele, mesmo depois de as ter vendido.¹

O local escolhido para se erigir o monumento em homenagem aos “desbravadores” também não foi neutro. O monumento encontra-se no epicentro urbano. Se visualizarmos a estátua a partir do atual traçado urbano, percebemos que ela se encontra no que era e é considerado o “ponto X” da cidade, onde as ruas convergem para os prédios onde funcionam principais órgãos públicos e a Catedral Diocesana.

Para Santos (1989), só é possível pensar em evolução do espaço quando o tempo tem existência como tempo histórico. E a ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de organização e reorganização do espaço urbano. Entre os agentes sociais, desempenha papel relevante o próprio Estado, como agente controlador e modelador do espaço.

Não há registros, nem mesmo nos jornais locais da época, dos passos seguintes à ata da reunião. Há apenas o decreto do Prefeito Municipal, autorizando a construção da estátua, nomeando a comissão responsável e destinando os recursos financeiros necessários. Em comunicação pessoal, Luis Carlos Rocha afirmou que Paulo de Siqueira havia interrompido a execução da estátua e iniciado outro trabalho no Rio Grande do Sul.

Também não existem registros fotográficos da etapa de confecção, tampouco documentos que explicam a técnica de confecção empregada. Há apenas três desenhos em caneta esferográfica azul sobre papel canção, mostrando diferentes possibilidades de confecção da estátua.

Essa ausência de registros sobre as etapas de confecção da estátua pode ter diversas explicações. Era comum Paulo de Siqueira executar vários trabalhos ao mesmo tempo. Assim, não se criou uma expectativa na imprensa local acerca da estátua. Ou talvez ela foi erigida em silêncio para a imprensa, para que sua inaugura-

ção fosse estrondosa.

A inauguração da estátua “O Desbravador” aconteceu durante as comemorações do Dia do Município, em 25 agosto de 1981. Escolheu-se para a inauguração o dia do município e as comemorações relativas aos 64 anos de sua emancipação. A inserção da estátua “O Desbravador” enquanto cultura materializada no espaço urbano de Chapecó, com altíssima visibilidade, tornou-se determinante para a imposição de uma visão histórica excludente e artificialmente construída. A estátua tornou-se um privilegiado dispositivo para a construção da identidade chapecoense, sendo a construção das identidades entendidas aqui como um processo cultural e social, em cujo interior são travadas diversas disputas pela imposição de significados. A identidade gaúcha calcada no discurso do gauchismo privilegia uma determinada maneira de ser gaúcho, em detrimento de várias outras possibilidades de se exercer essa identidade.

A metodologia aqui empregada para a análise da estátua “O Desbravador” e seu contexto, é perpassada pela concepção de que a arqueologia histórica é de fato a arqueologia do capitalismo, apontando de que forma, no século XX, as nações centrais lançaram no mundo periférico as sementes do processo de globalização neoliberal.

Embora a estátua “O Desbravador” esteja ricamente travestida da cultura local?regional, pode-se dizer que sua construção foi uma estratégia encontrada pelo novo liberalismo característico do final do século XX para implantar-se e desenvolver-se regionalmente. É preciso lembrar que a estátua não foi criação livre do artista, mas concebida e encomendada pelo Lions Club, um clube de serviço profundamente comprometido com a manutenção da ordem social contemporânea, visando a reforçar a natureza hegemônica do capitalismo neoliberal.

Dessa forma se obtém, através da cultura material, a infiltração local dos desejos de submissão ao poder do grande capital internacional. A estátua “O Desbravador” pode ser considerada um

canal por onde foram despejados valores, noções, comportamentos que nos tornaram econômica e ideologicamente subjugados, absolutamente rendidos às ideias e aos produtos das nações industrializadas. São “[...] formas eficazes pelas quais se obtém com sucesso a dominação e a rendição no plano das mentalidades, aparentemente imperceptíveis nas pequenas coisas do dia-a-dia, mas plenamente visíveis e reconhecíveis através do estudo dessa cultura material” (LIMA, 2002, p.18).

Notas:

*Graduado em História pela UNOESC- *campus* Chapecó. Professor da Rede Pública de Ensino de Santa Catarina na Escola de Educação Básica Professora Zélia Scharf. Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo – UPF.

ⁱ Somente a estátua em metal, mede 12,7 metros, somado à sua base de concreto, totaliza 14 metros de altura.

ⁱⁱ INFORMATIVO OESTE. p. 21. Ano 1, n 2, jun. 1977.

ⁱⁱⁱ DOCUMENTO: Proposição do Lions Clube Chapecó, encaminhada à Prefeitura Municipal, listando roteiros e pretensões da construção do monumento-estátua “O Desbravador”, datada de 04 de setembro de 1980.

^{iv} DECRETO GP/197/80, de 27 de outubro de 1980. Nomeia comissão especial para apresentar sugestões sobre construção de monumento.

^v Ata das reuniões e providências tomadas pela comissão especial para apresentar sugestões sobre a construção do monumento “O Desbravador”. (07 de Novembro de 1980).

^{vi} Ata das reuniões: 07 novembro de 1980.

^{vii} Entrevista concedida por Luis Carlos Rocha, a Neocy Fin, em 1997.

Referências

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: Sociedade e Cidadania**. vol. 4. São Paulo: FTD, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma Introdução à História**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. 1984.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

FIN, Neocy. **Vida e obra de Paulo de Siqueira**. 1997. Monografia – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, 1997.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HASS, Mônica. **O Linchamento que muitos querem esquecer**. Chapecó, 1950-1956. Chapecó: Grifos, 1999.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local - 1945-1965**. Chapecó: Argos, 2001.

INFORMATIVO OESTE. Ano 1, n. 2, jun. 1977.

KHOURY, Yara Maria Aun. A Pesquisa em História. São Paulo: Ática, 1998.

LIMA, Tânia Andrade et al. A tralha doméstica em meados do século XIX: Reflexos da Emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. **Dédalo**, São Paulo, 1989.

_____. **Arqueologia Histórica**: algumas considerações teóricas. *Clio*, 1989. (Série Arqueológica).

_____. Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v. 8/9. p. 9-54 (2000-2001). Editado em 2003.

_____. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXVIII, n.2, p. 7-23, dez. 2002.

REDE, Marcelo. A história a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. V.4 p.265-82 jan./dez. 1996.

Abstract

Analyse in the present research the human statue in bronze denominated The Desbravador. It has 14 meters high and 5,70 meters wide. It is located in Chapecó-SC. I am presenting it with a new interpretation. Although The Desbravador statue doesn't represent the picture of a specific person it contains the Lions Club ideas, social group that idealized it, aiming to insert among the Chapecó citizens a particular view about the process area colonization, which were clearly off the segments for it considered like a little bit virtuous, still that the History distortion price. The methodology applied here for the statue analysed The Desbravador and its context conceive that the historic archaeology it is the fact the capitalism archaeology, pointing out that form in the twentieth century, the central nations launched in the peripheral world the seeds of the neoliberal globalization phenomenon, presenting like inevitable, irreversible, but questioning the past use explained in the mundial range systems to justify and to solidify the American North hegemony about the world.

Keywords: Materials culture. Historical archeology. Statue. Desbravador. Urbanization.